

“Aos que me dão
lugar no bonde”:
breve guia para
Drummond
(seguindo a
obra do poeta)

Wilberth Claython F. Salgueiro*

*pro Miguel, jobim – outro gauche
Da lingüística frástica e transfrástica /
Do signo cinésio, do signo icônico e
do signo gestual / Da clitização
pronominal obrigatória / Da
glossemática / Libera nos, Domine
("Exorcismo". Discurso de Primavera.)*

Resumo

Breve guia para ler Carlos Drummond de Andrade com comentários sobre suas obras a partir de seus principais críticos.

Palavras-chave: Drummond; Historiografia; Crítica.

Um dia, em versos célebres, um certo Carlos disse: “E como ficou chato ser moderno. / Agora serei eterno.” E parece que a sina vai-se cumprindo na data que se anuncia: o mundo, depois de Drummond, fez cem anos.

* Professor do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES.

Nascido no início dos Novecentos, em 31 de outubro de 1902, Carlos Drummond de Andrade testemunhou a Semana de Arte Moderna, a ascensão e o ocaso da era getulista, as duas grandes guerras, a Poesia Concreta, a ditadura militar, a tecnologia irrefreável, os novos inocentes do Leblon. Quem lê sua poesia está lendo a história pensada em versos, fazendo o vaivém entre ideologia e estética.

Dezenas de livros formam o conjunto de sua obra literária, basicamente composta de poemas e crônicas. Missão impossível é apontar qual destas obras conteria a suma de suas variadas vertentes, desde a político-social até a faceta (*lato sensu*) erótica, passando pelos incessantes exercícios metalingüísticos.

Ao léu, como não nos reconhecermos personagens de versos – tão aparentemente simples – que circulam e se rejuvenescem nos mais distintos círculos socioculturais: “E agora, José?”; “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”; “Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é meu coração”; “Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro”; “Trouxeste a chave?”.

A força avassaladora da poesia de Drummond talvez venha do fato de ser uma poesia absolutamente sedutora: seduz porque quer compartilhar com o leitor as pedras de que é feita. Às vezes, são as pedras duras da palavra, como um “soneto escuro, / seco, abafado, difícil de ler”; em outras, são pedras que paralisam, para depois empurrar, nossa existência: “Stop. / A vida parou / ou foi o automóvel?”; por fim, há as pedras de toque deliciosamente amoroso: “Carlos, sossegue, o amor / é isso que você está vendo: / hoje beija, amanhã não beija, / depois de amanhã é domingo / e segunda-feira ninguém sabe / o que será”.

Sem sair de cena, Drummond (“essa ausência assimilada”) nos ensina com seus versos a sermos, por momentos, eternos carlos na vida.

Carlos Drummond de Andrade estréia em livro no ano de 1930, com *Alguma Poesia*. Em já clássico artigo¹, Mário de Andrade dá as boas-vindas ao poeta que surge, ao lado – neste ano – de outros três livros, a saber: *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, *Pássaro Cego*, de Augusto Frederico Schmidt, e *Poemas*, de Murilo Mendes. Em que pese a argúcia no detectar o acontecimento ali no calor mesmo da hora, Mário tende a psicologizar, sem mediações, certas figuras freqüentes na obra inaugural de Drummond. De todo modo, soube ver que vinha para ficar uma das vozes mais poderosas que a poesia brasileira raramente tivera.

Em *Alguma Poesia*, dedicado ao mesmo “Mário de Andrade, meu amigo”, aparecem indelévels o fino senso de humor que se estende à ironia contida, travestidos nos modernistas poemas-piadas e de circunstância que capturam o cotidiano em versos predominantemente livres e em linguagem coloquial. Com emoção reservada e cultivando uma doce e melancólica nostalgia, Drummond oscila entre o trivial e o cósmico, passeando entre a província e a cidade. O poema que abre o livro – “Poema de Sete Faces” – transformou-se, sem exagero, no hino poético a que todos, leitores e exegetas, devemos retornar: “O bonde passa cheio de pernas: / pernas brancas pretas amarelas. / Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração. / Porém meus

1 ANDRADE, Mário de. “A poesia em 1930”. *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 26-45.

olhos / não perguntam nada." Parodiando Alfredo Bosi ao referir-se à Carta de Caminha como inauguradora da literatura brasileira, diria que este poema é a própria "certidão de nascimento" do poeta. Revirado de ponta-cabeça, as faces expostas ao público antecipam-se ao corpo, mostrando já as idiossincrasias do sujeito lírico. Tamanha é a força desse poema fundador que outros poetas o tomam como modelo a "desler" – conforme quer Harold Bloom².

A *Alguma Poesia* pertencem pérolas como "Infância" ("E eu não sabia que minha história / era mais bonita que a de Robinson Crusoe."), "Toada do Amor", "Política Literária", "Poesia", "Cidadezinha Qualquer", "Anedota Búlgara", "Cota Zero", "Explicação" ("Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou. / Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?"), o antológico "No Meio do Caminho" e o impagável "Quadrilha".

Em "Autobiografia para uma Revista", do livro *Confissões de Minas*, de 1944, Drummond comenta que seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, "traduz uma grande inexperiência do sofrimento e uma deleitação ingênua com o próprio indivíduo". Na seqüência, afirma categoricamente:

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos. Infelizmente, exige-se pouco do nosso poeta; menos do que se reclama ao pintor, ao músico, ao romancista...³

Torna-se sobremaneira fundamental divulgar tais pensamentos de Drummond quanto à arte de fazer poesia, posto que a aparente simplicidade de seus poemas tem alimentado de equívocos e ilusões uma série de poetastros. Dirá Silviano Santiago no "Posfácio" ao livro *Farewell*: Drummond é o poeta "que recebeu a maior consagração por parte da crítica, tanto da militante em jornais, quanto daquele outra que ocupa a cátedra das escolas e que, diante de mais jovens, reelabora os poemas dele na sala de aula. Esse desconcerto entre simplicidade e qualidade, aliás, é tema recorrente na vasta bibliografia crítica sobre Drummond"⁴.

Para ler (curtir, estudar) a poesia de Drummond, não envelheceram as "espécies de poesia" propostas por Pound: na melopéia, as palavras estão "carregadas de alguma qualidade musical que dirige o propósito do significado"; na fanopéia, prevalece o conjunto de imagens de que se nutre o poema; e na logopéia, "a dança do intelecto entre palavras, isto é, o emprego das palavras não apenas por seu significado direto mas levando em conta os hábitos de uso, do contexto que *esperamos* encontrar com a palavra (...) e os jogos de

2 Cf. "Com licença poética". PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 11. (Ver também SALGUEIRO, Wilberth C. F. "Pedras que se tocam: um poema no meio do caminho". In: *Contexto*. V. 7. Vitória: CCHN, 2000 p. 173-183.)

3 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade – poesia e prosa*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 1344-1345.

4 SANTIAGO, Silviano. "Posfácio". In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 107.

ironia⁵. Drummond tinge os versos com suave e significativa sonoridade (melopéia), desenhando com traços minimalistas paisagens, pessoas e situações (fanopéia). Mas sua poesia é hegemonicamente logopaica, posto que a atravessam, sempre, pensamentos que produzem pensamentos.⁶ Ao ler a poesia de Drummond nosso lirismo se ilumina, e passamos a nos exercer no máximo das nossas forças ativas.

Quatro anos depois, em 1934, vem a lume *Brejo das Almas*. Outras jóias se inscrevem no imaginário de nossa historiografia poética: “Soneto da Perdida esperança” (“Perdi o bonde e a esperança. / Volto pálido para casa.”), “O Amor Bate na Aorta” (“O amor bate na porta / o amor bate na aorta, / fui abrir e me constipei”), “Não se Mate”, “Segredo”, “Necrológio dos Desiludidos do Amor”. Já os títulos dos poemas justificam o que disse John Gledson: “é um livro sobre o fracasso”⁷.

O livro seguinte, *Sentimento do Mundo*, de 1940, traz em plenitude o que Affonso Romano de Sant’Anna denominou de “eu menor que o mundo”⁸, caracterizando a oscilação constante nas relações do sujeito lírico com o seu entorno. Clássicos aqui são o poema-título “Sentimento do Mundo”, “Confidência do Itabirano” (“Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!”), “O Operário no Mar”, “Congresso Internacional do Medo”, “Os Mortos de Sobrecasaca”, “Inocentes do Leblon”, “Os ombros Suportam o Mundo” (“Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. / Tempo de absoluta depuração.”), “Mãos Dadas”, “Mundo Grande” (“Não, meu coração não é maior que o mundo. / É muito menor. / Nele não cabem nem as minhas dores.”).

O “hábito de sofrer, que tanto me diverte” (“Confidência do Itabirano”), perpetua-se, mas diluído, em “José”, de 1942. Dentre tantos, três poemas emergem: a erótica verbal, com a batalha travada entre o poeta e a palavra, de “O Lutador” (“Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos / mal rompe a manhã.”); o questionamento do sentido da existência humana, com “A Mão Suja” (“Minha mão está suja. / Preciso cortá-la. / Não adianta lavar. / A água está podre.”); a aguda desesperança e a máscara que permite ligar a extrema solidão do poeta à dor universal aparecem em “José” (“Com a chave na mão / quer abrir a porta, / não existe porta; / quer morrer no mar, / mas o mar secou”).

Com seu quinto livro de poemas, *A Rosa do Povo*, de 1945, Drummond se instaura definitivamente como um cânone da altíssima poesia brasileira. Feito de sensações, reminiscências, reflexões e desilusões do imediato pós-guerra, a obra envereda por um realismo social (francamente ao lado dos oprimidos e miseráveis, sem demagogias populistas) enquanto firma uma noção mais nítida do processo de criação: complexos, duros, cruéis são os tempos da opressão. Para falar novamente com Affonso Romano, agora, nem maior nem menor, o poeta se sente igual ao mundo. Deve, com sua arma, a palavra, ajudar a combater os horrores do mundo, os horrores de Auschwitz.

5 POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Tradução: Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 37.

6 Cf. ARRIGUCCI JR, Davi. *Coração partido – uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

7 GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1982. p. 16. (Ver também CAMILO, Wagner. “Uma poética da indecisão: *Brejo das almas*”. In: *Revista Novos estudos* nº 57. São Paulo: CEBRAP, julho de 2000.)

8 Cf. SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Data dessa época, exatamente de 11-02-45, uma importantíssima carta do amigo Mário de Andrade, cujas idéias ecoam nos poemas drummondianos da época, em que se diz:

Pela primeira vez *se impôs a mim o meu, o nosso destino de artistas: a Torre de Marfim. [...] Porque, está claro, a torre-de-marfim não quer nem pode significar não-se-importismo e arte-purismo. Mas o intelectual, o artista, pela sua natureza, pela sua definição mesma de não-conformista não pode perder a sua profissão, se duplicando na profissão de político.*

*[...] É da sua torre-de-marfim que ele deve combater, jogar desde o guspe até o raio de Júpiter incendiando cidades. Mas da sua torre. Ele pode sair da torre e ir brotar uma bomba no Vaticano, na Casa Branca, no Catete, em Meca. Mas sua torre não poderá ter nunca pontes nem subterrâneos. Estou assim: fero, agressivo, enojado, intratável e tristíssimo.*⁹

Hoje, em tempos de guerra (guerra urbana, rural, internacional, interétnica, de classes: pelo acesso a teto, terra, educação, respeito e dinheiro – bens), reler *A Rosa do Povo* é concordar com Italo Calvino, em “Por Que Ler os Clássicos”, quando define o *clássico* como “aquilo que tende a relegar a atualidade à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo” e também, enfim, como “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”¹⁰.

Lá, em *A Rosa do Povo*, estão os poemas que esperam ser lidos, à luz dos dias que correm: “Consideração do Poema” (“Tal uma lâmina, / o povo, meu poema, te atravessa.”), “Procura da Poesia”, “A Flor e a Náusea” (“As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.”), “O Medo”, “Nosso Tempo” (“O poeta / declina de toda responsabilidade / na marcha do mundo capitalista / e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas / promete ajudar / a destruí-lo / como uma pedreira, uma floresta, / um verme.”), “Áporo”, “Nova Canção do Exílio”, “O Mito”, “Caso do Vestido”, “O Elefante”, “Morte do Leiteiro” (“Da garrafa estilhaçada, / no ladrilho já sereno / escorre uma coisa espessa / que é leite, sangue... não sei. / Por entre objetos confusos, / mal redimidos da noite, / duas cores se procuram, / suavemente se tocam, / amorosamente se enlaçam, / formando um terceiro tom / a que chamamos aurora.”), “Morte no Avião”, “Consolo na Praia”, “Carta a Stalingrado”, “Canto ao Homem do Povo Charles Chaplin”.

Após *Novos Poemas*, de 1949, outro estrondo no panorama da poesia brasileira, com *Claro Enigma*, de 1951, que tanta celeuma provocou já com a epígrafe de Paul Valéry: “Les événements m’ennuient”. Teria o poeta esgotado o veio social, tirando o pé que firmara com contundência em solo histórico? Em texto pouco lido, Sérgio Buarque de Holanda arrisca um diagnóstico que diria seguro: “Quando muito pode-se dizer que o humanismo característico dos primeiros livros, coado, já agora, por uma experiência maior da vida e dos homens, tende a diluir-se numa ‘inguaia ciência’ de madureza, que já não consegue surpreender-se e nem indignar-se, pois sabe ‘o preço exato dos amores, dos ócios, dos quebrantos’”¹¹.

9 ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 243.

10 CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 15.

11 HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Rebelião e convenção - II”. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958, volume II*. Organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 507. [Artigo publicado no jornal *Diário Carioca* (RJ): 27 de abril de 1952.]

Que dizer de obras-primas como o quinto poema do livro - “Confissão” - sutilmente erótico?

*Não amei bastante meu semelhante,
não catei o verme nem curei a sarna.
Só proferi algumas palavras,
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.*

*Dei sem dar e beijei sem beijo.
(Cego é talvez quem esconde os olhos
embaixo do catre.) E na meia-luz
tesouros fanam-se, os mais excelentes.*

*Do que restou, como compor um homem
e tudo que ele implica de suave,
de concordâncias vegetais, murmúrios
de riso, entrega, amor e piedade?*

*Não amei bastante sequer a mim mesmo,
contudo próximo. Não amei ninguém.
Salvo aquele pássaro - vinha azul e doido -
que se esfacelou na asa do avião.¹²*

Poemas como esse legitimam a radical afirmação feita por Italo Moriconi: “*Claro Enigma* é, sem sombra de dúvida, não apenas o melhor livro de poesia do século, como também a obra mais exemplar do significado profundo do deslocamento estético e intelectual representado pelo modernismo canônico”¹³. Lembremos que são de *Claro Enigma* “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, “Memória” (“Amar o perdido / deixa confundido / este coração. // Nada pode o olvido / contra o sem sentido / apelo do Não. // As coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão. // Mas as coisas findas, / muito mais que lindas, / essas ficarão.”), “Ser”, “Oficina Irritada”, “Os Bens e o Sangue”, “A Mesa”, “A Máquina do Mundo”. Os três últimos citados, por exemplo, são poemas longos, difíceis, intrincados. Recentemente, fazendo jus à complexidade do poema drummondiano, Haroldo de Campos lançou *A Máquina do Mundo Repensada*, relendo a um só tempo o poema que inspira o título, os *Lusíadas*, de Camões, e a obra máxima de Dante.

Depois desse sétimo livro de poemas, ainda mais de uma dezena de novos títulos virão se somar. A linha geral é uma tendência paulatina ao chamado memorialismo poético¹⁴. Drummond começa a repassar a vida e, nesse recordar individual, a história coletiva se denuncia. Já o título seguinte tensiona o próprio e o geral: *Fazendeiro do Ar* (1953). Em *A Vida Passada a Llmpo* (1959) sonetos belíssimos (como os dois “Sonetos do Pássaro”, cuja “existência” devo a Evando Nascimento) se misturam a homenagens em tom menor. *Lição de Coisas*, de 1962, traz experimentações, novas oferendas, o antibélico “A Bomba”, o logopaico “Isso é Aquilo”, o fanopaico

12 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, p. 202.

13 MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 90.

14 Cf. “Poesia moderna e destruição da memória”. MIRANDA, Wander Melo. In: PEDROSA, Celia (org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000. p.132-140.

"Cerâmica" ("Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara. // Sem uso, / ela nos espia do aparador.").

Há um texto precioso e preciso de Antonio Candido, de 1965, "Inquietudes na Poesia de Drummond", que trata da poesia do mineiro de 1930 a 1962. De saída, interessa-nos a reflexão que faz Candido ao atribuir semelhanças da poesia de *Lição de Coisas* (62) à de *Alguma Poesia* (30) e *Brejo das Almas* (34): em ambos os momentos, "o poeta parece relativamente sereno do ponto de vista estético em face da sua matéria, na medida em que não põe em dúvida (ao menos de maneira ostensiva) a integridade do seu ser, a sua ligação com o mundo, a legitimidade da sua criação"¹⁵. Mas entre as obras que vão de 1935 e 1959, percebe-se uma desconfiança aguda do *ser* e do *mundo*. Pode-se então dizer que sua obra se polariza em problemas sociais e individuais, permeados pela questão do problema da expressão. Dessa tríade (sujeito, mundo, expressão) surgem as inquietudes, a cujo serviço estará a metáfora do *torto*: "Na obra de Drummond, essa torção é um *tema*, menos no sentido tradicional de assunto, do que no sentido específico da moderna psicologia literária: um núcleo emocional a cuja volta se organiza a experiência poética" (p. 114-115).

Tais inquietudes se darão de forma diversa: náusea, sujeira, estados angustiosos de sonho, sufocação, sepultamento (emparedamento; morte antecipada), sentimento de culpa, negação do ser, automutilação – tudo isso acaba solidificando a imagem melancólica da poesia drummondiana. Mas, adverte Candido, o poeta tempera tais inquietudes com um "humorismo ácido", que dissolve um pouco a dor da existência, em que se inclui a procura vã da palavra perfeita.

Salto, por precisão, as obras ditas memorialísticas, sobretudo as compostas pela trilogia *Boitempo*, para dizer duas palavras acerca das obras postumamente publicadas – *O Amor Natural* e *Farewell*. Ainda na toada do resumo historiográfico, não seria demasiadamente equivocado dizer que elas se complementam se pensarmos em termos de eros e tanatos. Na primeira delas, destaque-se o fetiche do poeta pela "bunda" – som, imagem e estrutura, em concreto verbivocovisual. Lê-se, vendo, em "A bunda, que engraçada": "A bunda são duas luas gêmeas / em rotundo meneio. Anda por si / na cadência mimoso, no milagre / de ser duas em uma, plenamente."¹⁶ Uma análise de ordem estilística que se detenha na alternância entre sílabas átonas e tônicas, no corte dos versos e nos jogos sonoros (basicamente assonância e aliteração nasalizante), perceberá como o poema desenha uma imagem acústica da bunda, ao tempo em que, a partir dela, constrói considerações que transcendem o corpo – com sensibilidade e suave humor.

De *Farewell*, destacaria o conjunto de 32 poemas dedicados a obras plásticas (3 esculturas e 29 quadros) intitulado "Arte em Exposição"¹⁷. São poemas em que a perícia do observador de artes se realiza na elaboração dos versos, que passam a funcionar também como um possível catálogo (bem pessoal, naturalmente) para o entendimento poético-cognitivo das pinturas. Para se ter uma idéia do trabalho de leitura intersemiótica que Drummond leva a cabo, fiquemos com a leitura de "Gioconda

15 CANDIDO, Antonio. "Inquietudes na poesia de Drummond". *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 111.

16 ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 25-6.

17 Cf. CALGARO, Márcia Jardim. "Poemas e pinturas em exposição: visitando quadros e a poesia de Carlos Drummond". Dissertação. UFES: Vitória, 2002.

(*Da Vinci*): “O ardiloso sorriso / alonga-se em silêncio / para contemporâneos e pósteros / ansiosos, em vão, por decifrá-lo. / Não há decifração. Há o sorriso.”¹⁸

No posfácio ao livro, Silvano Santiago aponta que Drummond “raramente aprecia o *todo* do quadro, ou seja, os diversos movimentos da sua composição. Trata-se antes de um olho crítico seletivo e, principalmente, obsessivo. Seus olhos vão diretamente ao detalhe que dá forma ao quadro ou à escultura e que, para ele, ilumina o todo, se ilumina sob a forma de poema”¹⁹. À maneira do *punctum* barthesiano, de que se fala em *A Câmara Clara*, Drummond transita pela arte verbal tendo como tela de fundo grandes clássicos da pintura universal.

Para suspender este meteórico percurso pela obra de nosso centenário poeta- itabirano-mineiro-brasileiro-*gauche*-José-Carlos - Carlos Drummond de Andrade -, tomo como guia e saudação de despedida as palavras dele no poema “Obrigado”, único exemplar de sua vasta obra em que o poeta exerceu simultaneamente o dístico, o octossílabo e a rima²⁰. Seja como o personagem machadiano, por “tédio à controvérsia”, seja pela origem escocesa do nome, “homem que protege”, Drummond segue só, ainda, “por um corredor invisível que [é] só dele”²¹:

OBRIGADO

*Aos que me dão lugar no bonde
e que conheço não sei donde,*

*aos que me dizem terno adeus,
sem que lhes saiba os nomes seus,*

*aos que me chamam deputado
quando nem mesmo sou jurado,*

*aos que, de bons, se babam: mestre!
inda se escrevo o que não preste,*

*aos que me julgam primo-irmão
do rei da fava ou do Hindustão,
aos que me pensam milionário
se pego aumento de salário*

*– e aos que me negam cumprimento
sem o mais mínimo argumento,*

18 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 37.

19 SANTIAGO, Silvano. Posfácio. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 128.

20 Há nos 8 dísticos do poema octossílabo “O andar”, de *Boitempo* (p. 607-608), a ocorrência de algumas rimas. Nada que se equipare, todavia, ao uso programático da rima nos 15 dísticos de “Obrigado”, de *Viola de Bolso* (p. 972-973), ademais estruturados em 3 conjuntos bem definidos de estrofes (6/6/3), em que puxa-sacos e acrílicos se juntam a antipáticos, mal-agraçados e invejosos. Por entre todos, atestando a volatilidade dos seres, o poeta passeia, em dois minutos, incorrespondente, como um “Aires da mata / da linguagem / e do machado que não mata / mas desbasta e aparelha / a fina palavra diamantina / (...) / onde se oculta um brilhante / com todos os fogos tranqüilos / da sabedoria, / mestre Aires, recebe meus saúdes.” (“Em Louvor de Mestre Aires”, *Discurso de Primavera*, p. 804-805.)

21 Depoimento de Armando Freitas Filho para o livro *Artes e ofícios da poesia*. Organização de Augusto Massi. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991. p. 75.

*aos que não sabem que eu existo,
até mesmo quando os assisto,*

*aos que me trancam sua cara
de carinho alérgica e avara,*

*aos que me tacham de ultrabeócia
a pretensão de vir da Escócia,*

*aos que vomitam (sic) meus poemas,
nos mais simples vendo problemas,*

*aos que, sabendo-me mais pobre,
me negariam pano ou cobre*

*– eu agradeço humildemente
gesto assim vário e divergente,*

*graças ao qual, em dois minutos,
tal como o fumo dos charutos,*

*já subo aos céus, já volto ao chão,
pois tudo e nada nada são.²²*

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade – poesia e prosa*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ANDRADE, Mário de. "A poesia em 1930". *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ARRIGUCCI JR, Davi. *Coração partido – uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Artes e ofícios da poesia. Organização de Augusto Massi. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.

CALGARO, Márcia Jardim. *Poemas e pinturas em exposição: visitando quadros e a poesia de Carlos Drummond*. Dissertação. UFES: Vitória, 2002.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade – poesia e prosa*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 972-973.

CAMILO, Wagner. Uma poética da indecisão: *Brejo das almas*. In: *Revista Novos estudos* nº 57. São Paulo: CEBRAP, julho de 2000.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Rebelião e convenção - II. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958, volume II*. Organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, Wander Melo. Poesia moderna e destruição da memória. In: PEDROSA, Celia (org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Tradução: Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

SALGUEIRO, Wilberth C. F. Pedras que se tocam: um poema no meio do caminho. In: *Contexto*. V. 7. Vitória: CCHN, 2000.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SANTIAGO, Silviano. Posfácio. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

